



O LEITOR DA REVISTA *A CRUZADA*

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3465

Andressa Paula, UEM

Resumo

Toda publicação periódica busca atingir um público leitor específico, para isso se articula a partir de algumas estratégias editoriais ao se definir a partir da sua temática como por exemplo, as esportivas, as automobilísticas, as literárias, de humor etc., até mesmo as revistas ditas de variedades, direcionam suas publicações e acabam por definir um público alvo. Quando se trata de periódicos religiosos, a primeira definição de leitor é o do fiel que professa a fé defendida pelo jornal ou revista, mas outras definições mais complexas estão envolvidas nesse processo de identificação do leitor. É a partir dessa problemática que se desenvolve essa investigação que tem por objetivo identificar qual era o público leitor de uma revista católica específica. O periódico em questão, é a revista mensal *A Cruzada* criada em 1926 na cidade de Curitiba/PR pela Mocidade Católica Paranaense. Os aportes metodológicos que auxiliaram essa pesquisa foram Luca (2008) e Cruz e Peixoto (2007) que destacam os cuidados da coleta, identificação das características do periódico, a tabulação do seu conteúdo e análise. Como embasamento teórico foram consultados Ginzburg (1991) e Chartier e Hébrard (1995) que em seus apontamentos apresentam possíveis caminhos para identificação desse público leitor. É evidente que por ser uma revista ligada à Igreja Católica os seus leitores eram católicos, mas outras questões envolvem a prática da leitura no início do século XX como quem possuía o poder aquisitivo de compra do periódico e quem era alfabetizado naquele período, são tais aspectos que buscamos identificar.

Palavras Chave:

Leitores; Revista; Igreja Católica; Paraná.

Introdução

O presente trabalho se constitui como um recorte da pesquisa de mestrado em andamento no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Maringá. O seu objetivo é analisar a revista paranaense *A Cruzada* entre os anos de 1926 a 1931, que correspondem ao seu ano de criação e ao período de circulação mensal de suas edições. Buscamos, a partir disso, apresentar nesse recorte proposto, alguns dados parciais da análise do público leitor que a revista procurou atingir durante os cinco primeiros anos de sua existência.

O século XIX no Brasil será marcado pelo desenvolvimento dos impressos, desde a variedade de títulos e propostas, como também das técnicas de impressão. No caso da imprensa periódica, como jornais e revistas, o campo de produção passou por um crescente processo de segmentação dos títulos, com alguns direcionados ao humor, caracterizado pelo uso de textos jocosos ou caricaturas para satirizar a política e a sociedade, outros dedicados a questões propriamente políticas ligados a partidos ou grupos políticos. Dentre os seguimentos que se desenvolveram principalmente a partir da segunda metade do século XIX está o religioso, do qual a Igreja Católica teve maior destaque em decorrência do cenário privilegiado em que estava inserido e que foi construído ao longo de anos da sua relação com o Estado.

A imprensa católica no Brasil seguiu as determinações de Roma que por meio de encíclicas papais e de cartas pastorais de bispos falavam sobre os problemas da modernidade, com destaque para a liberdade da imprensa. A proposta do discurso católico foi o de utilizar os meios de comunicação como uma arma de contra ataque aos discursos produzidos por grupos anticlericais ou que possuíam ideias de laicização, e que tinham crescido no Brasil, principalmente

a partir da década de 1870 com o movimento republicano, e que utilizavam da imprensa para divulgar suas concepções.

No início do século XX em meio ao processo de estabilização do regime republicano e das novas determinações da Constituição de 1891, que retirou da Igreja Católica o título de religião oficial do país e estabeleceu o livre culto para todas as religiões, a utilização da imprensa em favor de uma missão católica irá prosseguir. No Paraná a revista *A Cruzada* tornou-se um dos periódicos mais importantes ligados à Igreja na década de 1920 no estado.

Ao segmentar sua proposta a partir de um gênero de periódico, seja ele esportivo, automobilístico, literário, ou até mesmo revistas ditas de variedades, direcionam suas publicações e acabam por definir um público alvo. Ou seja, todo jornal ou a revista, se propõe a atingir um público específico, a quem produz e dirige sua mensagem. No caso das publicações ligadas a denominações religiosas, a primeira definição de público leitor é o do fiel que professa a fé defendida pelo periódico. Mas, não é apenas essa característica que constitui o perfil do leitor de um determinado título. A partir dessa constatação, buscamos identificar a quem a revista *A Cruzada* era endereçada e quais leitores esse periódico católico buscava atingir.

Para tanto subdividimos o presente trabalho em outros três tópicos. O primeiro pretende salientar alguns aspectos contextuais que envolvem a virada do século XIX para o XX no Brasil e no estado do Paraná, dando maior enfoque a questões sobre a Igreja Católica. O segundo tópico intenciona destacar o trabalho metodológico com a fonte periódica, a partir de Luca (2008) e Cruz e Peixoto (2007), além de ressaltar o histórico da criação da revista *A Cruzada*, tais como os responsáveis e a estrutura do periódico. Por fim, analisaremos os indícios que nos proporcionam criar um

perfil dos leitores que a revista buscava alcançar, com o auxílio teórico de Ginzburg (1991), Chartier e Hébrard (1995) entre outros.

“O despertar e a restauração”: A Igreja Católica no início do século XX no Brasil

A virada do século XIX para o XX foi marcada no Brasil por mudanças nos vários âmbitos da sociedade, entre eles o político, o econômico, o cultural, o religioso entre outros. Muitas das principais alterações ocorridas no país foram decorrentes da transição do regime político, da monarquia para o republicanismo em 1889.

Após a longa relação entre a Igreja Católica e a monarquia no Brasil, desenvolvida a partir do regime do padroado¹, o advento do republicanismo trouxe modificações significativas para a atuação dessa instituição religiosa no Brasil. A Constituição promulgada em 1891 buscou oficializar algumas exigências da pauta republicana, como a laicização do estado em nome do progresso. Assim como destaca Fausto (2009):

Estado e Igreja passaram a ser instituições separadas. Deixou assim de existir uma religião oficial no Brasil. Importantes funções até então monopolizadas pela Igreja Católica foram atribuídas ao

Estado. A República só reconhecia o casamento civil e os cemitérios passaram às mãos da administração municipal. Neles seria livre o culto a todas as crenças religiosas. Uma lei veio completar em 1893 esses preceitos constitucionais, criando o registro civil para o nascimento e a morte das pessoas. As medidas refletiam a convicção laica dos dirigentes republicanos, a necessidade de aplacar os conflitos entre o Estado e a Igreja e o objetivo de facilitar a integração dos imigrantes alemães, que eram em sua maioria luteranos. (FAUSTO, 2009, p. 142)

Mediante as novas configurações do Brasil, a Igreja Católica passou de religião oficial do país para instituição religiosa que disputaria de forma igual, pelo menos em tese, com outras crenças pelo espaço religioso na sociedade brasileira. Segundo Miceli (2009) a autonomia conquistada pela Igreja Católica, com o fim do regime do padroado, fez surgir um despertar institucional do catolicismo brasileiro. Que fez com que a Igreja Católica investisse de forma acentuada no fortalecimento das suas bases institucionais no Brasil. Entre as medidas tomadas destacam-se, a criação de dioceses, entre elas a primeira diocese do Paraná, em Curitiba em 1892². O maior investimento na formação dos clérigos a partir dos preceitos do ultramontanismo³,

1 O regime do padroado era uma concessão dos papas aos monarcas portugueses da administração eclesiástica no país e nas suas colônias, desta forma, os reis além de exercerem o governo político, também tinham o poder religioso e moral. Por meio desse acordo a Igreja Católica foi denominada religião oficial do Brasil e recebia auxílios e benefícios governamentais que asseguravam a expansão do catolicismo no país. Por outro lado, o monarca português tinha o controle na criação de dioceses e nomeação de bispos e párocos, além de receber as doações e taxas da Igreja, como o dizimo, e ser responsável por pagar os vencimentos dos clérigos como se eles fossem funcionários públicos. (DEL PRIORE, 2004)

2 O estado do Paraná fazia parte do território de abrangência da Diocese de São Paulo desde 1745, tendo sido desmembrado em 1892, com a criação da Diocese de Curitiba. Essa nova diocese ficou responsável pelos estados do Paraná e de Santa Catarina. Tendo recebido seu primeiro bispo Dom José de Camargo Barros em 1894. (ZULIAN, 2009)

3 O ultramontanismo foi uma autocompreensão da Igreja Católica, que determinou as tarefas, formas e estratégias de atuação da Igreja, entre os papados de Pio VII (1800 – 1823) a Pio XII (1939 – 1958). Tinha como suas principais características a condenação à modernidade, a centralização das decisões eclesiásticas em Roma e

com ênfase na disciplina e na obediência à hierarquia. (MICELI, 2009) Além disso, houve a criação de colégios confessionais masculinos e femininos comandados por ordens religiosas estrangeiras e a maior utilização do meio de comunicação impresso para a divulgação da doutrina católica e para o combate aos discursos anticlericais em circulação nas primeiras décadas do século XX.

Se em um primeiro momento a Igreja Católica preocupou-se em fortalecer as bases do catolicismo no Brasil, em um segundo momento buscou retomar as relações com o setor político. Azzi (1977) salienta que essa restauração das relações com o Estado ocorreu mais efetivamente na década de 1920 e teve como um dos principais personagens o bispo auxiliar do Rio de Janeiro, Dom Sebastião Leme, que buscou manter-se próximo a elite política do Brasil e até mesmo ficou conhecido como um dos intermediadores da aceitação do presidente Washington Luís da efetivação da Revolução de 1930.

Nos estados o clero também buscou manter boas relações com as elites políticas locais. No Paraná, durante o bispado de Dom João Francisco Braga, os movimentos que levaram a elevação da Diocese de Curitiba a arquidiocese em 1926 e a criação das Dioceses de Ponta Grossa e Jacarezinho no mesmo ano, ocorreram a partir do auxílio do governo estadual, principalmente por meio do governador Caetano Munhoz da Rocha (1º mandato: 1920 – 1924; 2º mandato: 1924 – 1928). Tal movimento configura-se como um dos exemplos dessa proximidade entre Igreja Católica e o Estado. (ZULIAN, 2009)

A revista *A Cruzada*

É a partir da década de 1970 que a utilização de periódicos na pesquisa histórica se inicia no Brasil, influenciada

pela Terceira Geração do Movimento dos *Annales* que ampliou as abordagens da história, desde objetos até as fontes. (LUCA, 2008) Ao analisar a imprensa como fonte de pesquisa Cruz e Peixoto (2007) indicam que:

De há muito, acertamos que o passado não nos lega testemunhos neutros e objetivos e que todo documento é suporte de prática social, e por isso, fala de um lugar social e de um determinado tempo, sendo articulado pela/na intencionalidade histórica que o constitui. (CRUZ; PEIXOTO, 2007, p. 258)

De fato, não apenas a imprensa, mas todos os tipos de testemunho do passado possuem essa característica de parcialidade. A sua produção seja voluntária ou involuntária, a sua intenção de ser fonte para a história ou não, não diminuem o seu caráter de produção movida por interesses e objetivos pré-estabelecidos.

A partir dos aspectos ressaltados uma das primeiras etapas da pesquisa foi a identificação do acervo da revista *A Cruzada* e a sua coleta, uma vez que ainda não existia sua versão digitalizada. Esse processo ocorreu a partir do acervo disponibilizado pelo Círculo de Estudos Bandeirantes (CEB), entidade ligada a Pontífice Universidade Católica - PUC da cidade de Curitiba/PR. Na coleta realizada por meio fotográfico levantou-se 55 edições publicadas entre os anos de 1926 a 1931. A partir da leitura e tabulação dos dados presentes na revista foi possível formar o panorama do lançamento e dos responsáveis pela redação, além dos aspectos gráficos e estruturais do periódico.

A revista *A Cruzada* teve seu primeiro exemplar lançado em 19 de março de 1926 em Curitiba/PR. A data foi escolhida por ser no calendário religioso católico o dia de São José, santo eleito para ser o padrinho da obra impressa que se iniciava. Em diversos

a adoção do período medieval como paradigma. (MANOEL, 2004)

artigos seu nome é recorrido para apresentar o exemplo de família católica a ser seguido pelos leitores. A revista foi lançada como pertencente a Mocidade Católica Paranaense, grupo formado por jovens homens advindos de importantes famílias de Curitiba e que em sua maioria participavam da Congregação Mariana da Catedral da cidade. Esses jovens estavam sob a tutela do Padre Antonio Mazzarotto diretor da Congregação e também da revista *A Cruzada* até 1929, quando se despede da redação para tornar-se o primeiro bispo de Ponta Grossa. A presença do Pe. Mazzarotto atribuía legitimidade ao projeto da revista, de se lançar como uma divulgadora da doutrina e moral católica no estado.

Quanto aos seus aspectos gráficos e estruturais podemos ressaltar que a revista possuiu periodicidade mensal de março de 1926 até fevereiro de 1931, quando passa a ser semanal até 1934. A média de número de páginas nas edições eram de 28, e a paginação da revista seguia uma sequência em todas as edições do ano, quando iniciava-se um novo ano da revista, iniciava-se novamente a contagem das páginas. As dimensões do seu formato mudaram no decorrer dos anos, na edição de lançamento até a edição de fevereiro de 1928 media 15 cm x 22 cm, após mudanças gráficas propostas no terceiro ano de publicação passou a ter 17,5 cm x 26,5 cm. A revista apresentava publicidades de empreendimentos comerciais e industriais de Curitiba, seções fixas de humor e colunas sociais e textos e artigos de diversas temáticas. Mas a quem se dirigia a mensagem produzida pelo periódico? Quais mentes buscava atingir? Esses questionamentos passam ser problematizados no tópico a seguir.

O público leitor da *A Cruzada*

Iniciamos essa análise a partir do pressuposto de que toda produção escrita que é publicada busca atingir um público

leitor. No caso de periódicos, jornais e revistas, que possuem uma periodicidade determinada, seja diária, semanal ou mensal, os próprios objetivos propostos pela publicação já começam a direcionar a quem se destina a mensagem datada que é incorporada em seus textos, artigos e matérias.

Campos (2010) ao analisar um conjunto de jornais e revistas católicas que circularam em Curitiba entre as décadas de 1920 e 1930, entre eles a revista *A Cruzada*, realiza uma distinção entre esses periódicos que objetivavam expressar uma mensagem de forte teor moral para um público culto que tinha acesso à leitura, e a *Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes*, também da capital do Paraná que reunia intelectuais leigos católicos e publicava artigos de debate filosófico, teológico e científico, e que eram lidos por um grupo mais seletivo. Campos (2010) ressalta quanto ao primeiro grupo de periódicos que:

O grupo que pesquisamos privilegiou a ação na imprensa que não se tratava da formação dos futuros dirigentes políticos, nem se destinava às massas, pois naquele contexto o índice de analfabetismo era muito alto entre a população. No nosso entendimento, a intervenção na imprensa visava a um público culto, intermediário, capaz de divulgar entre os não leitores as ideias escritas nos periódicos católicos. (CAMPOS, 2010, p. 262 – 263)

Ainda segundo o autor periódicos como a revista *A Cruzada* (1926 – 1934), o jornal *Cruzeiro* (1931 - 1932) de propriedade da Legião Paranaense da Boa Imprensa, o jornal *Alvor* (1935 – 1936) órgão da Associação dos Ex-alunos do Instituto Santa Maria e *O Luzeiro* (1937 - 1939) periódico mensal da Confederação de Associações Católicas de Curitiba, não tinham a preocupação de produção de análises profundas acerca dos pressupostos católicos, a intenção era disciplinar

moralmente o seu leitor. (CAMPOS, 2010)

Chartier e Hébrard (1995) ao analisarem os discursos produzidos pela Igreja Católica sobre a leitura entre 1880 a 1980, principalmente a partir do cenário francês, observam a posição tomada pela instituição religiosa de responsabilidade sobre o direcionamento da leitura dos seus fiéis. Os autores ressaltam que o discurso da Igreja era de que havia muitas leituras não indicadas, e entre os leitores existiam os “ordinários” e os “doutores”:

Não cabe, portanto, ao leitor ordinário discriminar entre os bons e os maus livros: assim como o espectador ingênuo se encanta ou se espanta com os monstros que vê no teatro, sem procurar conhecer o artifício que lhes dá vida, assim também o leitor se abandona ao livro que excita sua imaginação ou toca seus sentimentos. A escolha é uma responsabilidade do doutor, que conhece as armadilhas da escrita e dela se esquivava, além de saber guardar sua fé na mais estrita ortodoxia, porque está mais próximo da Igreja, guardião infalível do dogma. (CHARTIER; HÉBRARD, 1995, p. 21 – 22)

Ao analisarmos a proposta moralizante da *A Cruzada*, que inclusive destinava grande parte de seus artigos para direcionar a leitura de livros e da imprensa pelos fiéis católicos, é possível indicar a partir do exposto por Chartier e Hébrard (1995) que o público leitor da revista fazia parte, principalmente, dessa categoria de leitor ordinário, ou seja, que em geral não possuía um vínculo oficial com a Igreja Católica e precisava da tutela e dos encaminhamentos do clero ou de leigos legitimados pela Igreja.

Dando sequência a essa análise, constatamos que o número de tiragem das edições que se tornaram comuns em periódicos não é apresentado na *A Cruzada*, esse dado seria importante para visualizar o contingente de pessoas que liam a revista, ou que pelo menos a

comprovam. Além disso, não é apresentada de forma explícita nos seus artigos a parcela da população a quem a revista intencionava que fosse lida, por outro lado, em diversos momentos os autores que escreviam no periódico direcionavam o conteúdo dos seus textos para um público específico, como a mocidade, as mulheres e os pais de família.

Para que fosse possível construir um panorama sobre o público leitor da *A Cruzada*, buscamos nos atentar aos encaminhamentos de Ginzburg (1991) quanto ao modelo epistemológico do paradigma indiciário. Ao analisar métodos de identificação de autoria de obras de arte o autor realizou uma analogia com metodologias de outras áreas que observam os pormenores geralmente negligenciados sobre um determinado caso para atribuí-lo um significado. Para a história esse processo se daria através da identificação das pistas, vestígios e indícios presentes nas fontes, e que por muitas vezes estão além do aparente, e por isso necessitam de uma análise detalhada que leve em conta os seus aspectos individuais. (GINZBURG, 1991) Portanto, buscamos identificar na leitura detalhada da revista *A Cruzada* os indícios que tornam possível apontar algumas das características do público leitor alvo do periódico.

Uma problemática que foi possível ser elucidada a partir dos indícios elencados na revista é a relacionada à localização geográfica desses leitores, a partir dos estados e das cidades onde havia assinantes do periódico. Ao longo das suas edições a *A Cruzada* apresentou as cidades onde existiam agentes responsáveis por angariar. A partir dos dados evidenciados na leitura da revista, constatamos que sua circulação não se restringia a Curitiba ou mesmo ao estado do Paraná, como ressaltamos na Tabela 1 a seguir.

TABELA 1: Estados e cidades em que circulava a revista *A Cruzada* (1926 – 1931)

1. Paraná	1. Curitiba; 2. Cerro Azul; 3. Lapa 4. Morretes; 5. Campo do Tenente; 6. Rio Negro; 7. Piraquara; 8. União da Vitória; 9. Antonina; 10. Ponta Grossa; 11. Prudentópolis; 12. São João do Triunfo; 13. Pirai (atual Pirai do Sul); 14. Tomazina e 15. Colônia Mineira (atual Siqueira Campos).
2. Santa Catarina	16. Itajaí; 17. Porto União; 18. Ouro Verde e 19. Cruzeiro (atual Joaçaba).
3. Rio Grande do Sul	20. Porto Alegre e 21. São Luiz das Missões.
4. São Paulo	22. Aparecida do Norte e 23. São Paulo.
5. Rio de Janeiro	24. Rio de Janeiro.
6. Minas Gerais	25. Manhuaçu.
7. Espírito Santo	26. Vitória.

Fonte: *A Cruzada* (1926 – 1931)⁴

Os dados apresentados na tabela foram publicados ao longo dos cinco anos de circulação mensal da revista, portanto, de março de 1926 a fevereiro de 1931. Além do Paraná, outros seis estados do sul e do sudeste possuíam agentes que eram responsáveis por conseguir assinantes para *A Cruzada*, além disso, foram contabilizadas 26 cidades, sendo que o Paraná possuía o maior número delas 15 cidades.

Outro fator que pode ser analisado a partir de referências bibliográficas é a questão do acesso ao

periódico, que envolve duas variantes: quem tinha o poder aquisitivo de compra e quem era alfabetizado e podia ler no início do século XX. Quanto a primeira variante podemos destacar que o preço da revista foi inicialmente de 6\$000 réis para assinatura anual e 4\$000 réis para semestral, no terceiro ano de circulação o preço se elevou para 10\$000 réis para assinatura anual e 6\$000 réis para semestral⁵.

Quanto à questão da alfabetização utilizamos os números do recenseamento realizado na década de 1920 no Brasil, para examinarmos a quantidade de pessoas alfabetizadas e analfabetas no período que antecede a circulação da revista *A Cruzada*. O recenseamento realizado em 1920 indicou que no estado do Paraná, em números absolutos segundo o grau de instrução e que englobou todas as idades, entre os que sabiam ler e escrever no estado 119.407 eram homens e 73.792 eram mulheres, já entre os analfabetos 335.119 eram homens e 257.393 eram mulheres. (RESCENCIAMENTO, 1929)

Outra questão importante que pode ser analisada como indício dos leitores são os artigos que direcionam sua mensagem a grupos específicos, como aqueles que falam sobre a moda e as formas de se vestir para as mulheres, e em outros momentos que fala diretamente como a mocidade ou para os pais de família. Em poucas ocasiões o leitor aparece também na revista, com a publicação de cartas abertas em que parabenizam a imprensa católica ou que realizam perguntas e argumentam sobre artigos publicados em edições anteriores.

⁵ A revista *A Cruzada* também era vendida em edições avulsas e atrasadas com preços diferenciados. Havia também a assinatura benemérita que tinha um valor maior, que inicialmente era de 10\$000 e posteriormente 20\$000. À esses assinantes a revista agradecia sua contribuição citando seus nomes em suas edições.

⁴ Os nomes das cidades apresentadas na Tabela 1 foram readequados para a ortografia atual. Além disso, foi acrescentado o nome atual das cidades nos casos em que houve alterações posteriores a 1931.

Considerações finais

No presente trabalho partimos do pressuposto de que toda produção escrita que é publicada busca atingir um público leitor específico, que é selecionado já durante o momento de delimitação dos objetivos da produção impressa. No caso dos periódicos, estes determinam seu público alvo ao se utilizar de estratégias editoriais, ao segmentar suas publicações, como por exemplo, as esportivas, as automobilísticas, as femininas entre outras. Ao pensarmos em periódicos religiosos, a definição mais óbvia de leitor é o do fiel que professa a fé defendida pela publicação, mas essa caracterização simplista deixa de fora outros elementos que são importantes para a formação do perfil do leitor de um periódico.

A partir da análise da revista mensal *A Cruzada*, uma publicação católica que circulou mensalmente entre 1926 a 1931, conseguimos identificar que o seu leitor era em maior expressividade morador do estado do Paraná, apesar da revista circular em outros seis estados do sul e do sudeste, a maior parte das cidades que possuíam agentes responsáveis por conseguir assinantes para a revista eram paranaenses. Além disso, o preço da revista e as altas taxas de analfabetismo do período, que contabilizaram 492.512 pessoas que não sabiam ler e nem escrever em 1920 no estado, indicam duas variantes que afunilam o perfil e o número de pessoas que tinham acesso a leitura naquele período.

Referências

A CRUZADA. Revista da Mocidade Católica Paranaense. Edições de 1926 a 1931.

AZZI, Riolando. O início da restauração católica no Brasil (1920 – 1930). **Síntese.** Belo Horizonte, v. 4, n. 10, p. 61 – 89, mai./ago., 1977.

CAMPOS, Névio. Ação católica: o papel da imprensa no processo de organização do projeto formativo da Igreja Católica no Paraná (1926 – 1939). **Educar.** Curitiba, n. 37, p. 259 – 277, mai./ago., 2010.

RESCENCIAMENTO DE 1920. **População do Brasil por estados, municípios e distritos, segundo o grau de instrução, por idade, sexo e nacionalidade.** Rio de Janeiro: Typographia Estatística, 1929. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv31687.pdf> Acesso em: 28/10/2017.

CHARTIER, Anne-Marie; HÉBRARD, Jean. **Discursos sobre a leitura** (1880 – 1980). São Paulo: Editora Ática, 1995.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. Na oficina do historiador: Conversas sobre história e imprensa. **Projeto história.** São Paulo, n. 35, p. 253 - 270, jul./dez., 2007.

DEL PRIORE, Mary. **Religião e religiosidade no Brasil colonial.** São Paulo: Editora Ática, 2004.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais:** morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

LUCA, Tania Regina de. A história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2008, p. 111 – 153.

MANOEL, Ivan. **O pêndulo da história:** tempo e eternidade no pensamento católico (1800 – 1960). Maringá: Eduem, 2004.

MICELI, Sérgio. **A elite eclesiástica brasileira** (1890 – 1930). São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ZULIAN, Rosângela Wosiack. **Entre o aggiornamento e a solidão:** práticas discursivas de D. Antonio Mazzarotto, primeiro bispo diocesano de Ponta Grossa – PR (1930 – 1965). 2009. 438 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.